

P.24
c.20
há 510 18

Amin Maalouf

As Cruzadas Vistas pelos Árabes.

Tradução

Pauline Alphene
Rogério Muoio

Revisão técnica

José Carlos Sebe

editora brasiliense

que segue ao desaparecimento de al-Kamel, an-Nasser não hesita em propor aos *franj* uma aliança contra seus primos. A fim de atrair os ocidentais, ele reconhece oficialmente, em 1243, seu direito sobre Jerusalém, oferecendo-se até para retirar os homens de religião muçulmana do Haram ach-Charif. *Al-Kamel jamais fora tão longe assim em seu compromisso!*

Sexta Parte

A Expulsão (1244-1291)

Atacados pelos mongóis — os tártaros — a leste e pelos franj a oeste, os muçulmanos nunca foram colocados numa situação tão crítica. Só Deus pode ainda lhes trazer socorro.

Ibn al-Athir

O chicote mongol

“Os acontecimentos que vou narrar são tão horrorosos que por muitos anos evitei fazer qualquer alusão a eles. Não é fácil anunciar que a morte se abateu sobre o Islã e os muçulmanos. Ah! Como eu teria gostado que minha mãe não me tivesse posto neste mundo, ou então que eu tivesse morrido sem ter sido testemunha de todas essas desgraças. Se alguém lhes disser que a Terra nunca conheceu semelhante calamidade desde que Deus criou o homem, não hesitem em acreditar, pois esta é a pura verdade. Entre os dramas mais célebres da História, cita-se geralmente o massacre dos filhos de Israel por Nabucodonosor e a destruição de Jerusalém. Mas isso não é nada em comparação com o que acaba de acontecer. Não, até o final dos tempos, jamais será vista uma catástrofe de tamanha amplitude.”

Em sua volumosa *História perfeita*, Ibn al-Athir não adota em nenhum outro momento um tom tão patético. Sua tristeza, seu temor e sua incredulidade explodem página após página, retardando, como por superstição, o instante em que deve enfim ser pronunciado o nome do flagelo: Gengis Khan.

A ascensão do conquistador mongol começou pouco depois da morte de Saladino, mas somente um quarto de século mais tarde foi que os árabes sentiram a aproximação da ameaça. Gengis Khan em primeiro lugar reuniu sob sua autoridade as diversas tribos turcas e mongóis da Ásia central antes de se lançar à conquista do mundo. Em três direções: a leste, onde o império chinês foi avassalado depois anexado; a noroeste, onde a Rússia depois a Eutopa oriental foram devastadas; a oeste, onde a Pérsia foi invadida. “É preciso arrasas todas as cidades”, dizia Gengis Khan, “para que o mundo inteiro se transforme numa imensa estepe onde mães mongóis amamentarão

crianças livres e felizes". De fato, cidades prestigiosas como Bukara, Samarcanda ou Herat serão destruídas, e sua população dizimada.

A primeira arremetida mongol em terra islâmica coincidiu de fato com a invasão franca no Egito de 1218 a 1221. O mundo árabe então parecia estar entre dois fogos, o que sem dúvida explica em parte a atitude conciliadora de al-Kamel com relação a Jerusalém. Mas Gengis Khan tinha renunciado a aventurar-se pelo oeste da Pérsia. Com sua morte, em 1227, com a idade de 67 anos, a pressão dos cavaleiros das estepes sobre o mundo árabe se havia afrouxado por alguns anos.

Na Síria o flagelo se manifesta primeiramente de modo indireto. Entre as numerosas dinastias que os mongóis esmagaram em seu caminho há a dos turcos khawarezmianos, que durante os anos precedentes, do Iraque à Índia, suplantaram os seldjúcidas. O desmantelamento desse império muçulmano, que havia tido sua hora de glória, obrigou o resto de seu exército a fugir para bem longe dos vencedores, e foi assim que mais de dez mil cavaleiros khawarezmianos chegaram um belo dia à Síria, saqueando e espoliando as cidades, participando como mercenários das lutas internas dos aiúbidas. Em junho de 1244, considerando-se suficientemente fortes para instaurar seu próprio Estado, os khawarezmianos se lançam ao assalto de Damasco. Pilham as aldeias vizinhas e saqueiam os vergéis da Ghuta, mas, incapazes, diante da resistência da cidade, de conduzir com bom resultado um longo cerco, mudam de objetivo e se dirigem subitamente em direção a Jerusalém, que ocupam sem dificuldade a 11 de julho. Se a população franca é poupada em grande parte, a cidade é saqueada e incendiada. Um novo ataque contra Damasco lhes vale ainda, para grande alívio de todas as cidades da Síria, serem dizimados poucos meses depois por uma aliança dos príncipes aiúbidas.

Desta vez, os cavaleiros francos não retomarão Jerusalém. Frederico, cuja habilidade diplomática tinha permitido que os ocidentais deixassem fluir a bandeira cruzada nos muros da cidade por quinze anos, se desinteressou por sua sorte. Renunciando às suas ambições orientais, ele prefere manter relações mais amistosas com os dirigentes do Cairo. Quando em 1247 o rei da França, Luís IX, se empenha em organizar uma expedição contra o Egito, o imperador tenta dissuadi-lo disso. Ele é informado regularmente por Ayyub, filho de al-Kamel, sobre os preparativos da expedição ocidental.

É em setembro de 1248 que Luís chega ao Oriente, mas não se dirige imediatamente às costas egípcias, calculando que seria arriscado demais empreender uma campanha antes da primavera. Instala-se em Chipre, esforçando-se durante esse mês de espera para realizar o sonho que com frequência visitará os *franj* até o final do século XIII e mesmo ainda mais: concluir

uma aliança com os mongóis para se apossar do mundo árabe. Embaixadores circulam doravante regularmente entre os invasores do Leste e do Oeste. Em fins de 1248, Luís recebe em Chipre uma delegação que o faz pensar numa possível conversão dos mongóis ao cristianismo. Comovido com essa perspectiva, ele se apressa em enviar de volta preciosos e piedosos presentes. Mas os sucessores de Gengis Khan não compreendem o sentido de seu gesto. Tratando o rei da França como um simples dependente, pedem-lhe para que ele mande todos os anos presentes do mesmo valor. Esse equívoco vai evitar para o mundo árabe, ao menos no momento, um ataque combinado entre seus dois inimigos.

Portanto, é sozinho que os ocidentais se lançam ao assalto do Egito a 5 de junho de 1249, não sem que os dois monarcas tenham trocado, segundo as tradições da época, declarações de guerra tonitruantes. "Já lhe envie!", escreve Luís, "numerosas advertências as quais você não levou em consideração. Doravante, minha decisão está tomada: vou atacar o seu território, e mesmo que você prestasse juramento de fidelidade à Cruz eu não mudaria de opinião. Os exércitos que me obedecem cobrem montes e planícies, numerosos como os calhaus da terra, avançam em sua direção com as espadas do destino". Para apoiar essas ameaças, o rei da França lembra a seu inimigo alguns dos sucessos obtidos no ano precedente pelos cristãos contra os muçulmanos da Espanha: "Expulsamos os vossos como se fossem tropas de gado, matamos os homens, deixamos as mulheres viúvas e captutamos moças e rapazes. Isso não vos serve de lição?". A resposta de Ayyub apresenta o mesmo teor: "Insensato, você se esqueceu das terras que lhes ocupamos e que conquistamos no passado, e mesmo recentemente? Você se esqueceu dos prejuízos que lhes causamos?". Aparentemente consciente de sua inferioridade numérica, Ayyub encontra no Alcorão a citação que o fortalece: "Quantas vezes uma pequena tropa venceu uma grande, com a permissão de Deus, pois Deus está com os bravos". O que o encoraja a predizer a Luís: "Sua derrota é fatal. Em pouco tempo, irá lamentar amargamente a aventura na qual se meteu".

Desde o início de sua ofensiva, os *franj*, entretanto, conseguem garantir um sucesso decisivo. Damiera, que tinha corajosamente resistido à última expedição franca trinta anos antes, desta vez é abandonada sem combate. Sua queda, que semeia a confusão no mundo árabe, revela brutalmente o enfraquecimento extremo dos herdeiros do grande Saladino. O sultão Ayyub, imobilizado pela tuberculose, incapaz de comandar suas tropas, prefere, em vez de tomar o Egito, reiniciar a política de seu pai, al-Kamel, propondo a Luís a troca de Damiera por Jerusalém. Mas o rei da França recusa tratar com um "infiel" vencido e moribundo. Ayyub decide então resistir

e se faz transportar em liteira até a cidade de Mansurah, "a Vitoriosa", construída por al-Kamel no mesmo lugar onde a precedente invasão franca tinha sido derrotada. Infelizmente, a saúde do sultão declina rapidamente. Tomado por acessos de tosse que parecem não mais terminar, ele entra em coma, a 20 de novembro, quando os *franj*, encorajados pela baixa do Nilo, deixam Damietta em direção a Mansurah. Três dias mais tarde, para grande desordem em seu séquito, ele morre.

Como anunciar ao exército e ao povo que o sultão morreu enquanto o inimigo está às portas da cidade e o filho de Ayyub, Turanshah, se encontra a várias semanas de retorno? É então que intervém um personagem providencial: Chajarat-ad-dorr, "a árvore das jóias", uma escrava de origem armênia, bela e astuta, que há muitos anos é a esposa preferida de Ayyub. Reunindo os familiares do sultão, ela lhes ordena guardar silêncio até a chegada do herdeiro e até mesmo pede ao velho emir Fakhreddin, o amigo de Frederico, para escrever uma carta em nome do sultão para convocar os muçulmanos ao *jihad*. Segundo um dos colaboradores de Fakhreddin, o cronista sírio Ibn Wassel, o rei da França teria sabido muito cedo da morte de Ayyub, o que o teria encorajado a acentuar sua pressão militar. Mas, no acampamento egípcio, o segredo é guardado por muito tempo para que se evite uma desmoralização das tropas.

Se durante o mês de inverno a batalha se desencadeia em volta de Mansurah, a 10 de fevereiro de 1250, graças a uma traição, o exército franco penetra de surpresa no interior da cidade. Ibn Wassel, que então estava no Cairo, conta:

"O emir Fakhreddin estava no banho quando vieram trazer-lhe a notícia. Surpreso, ele saltou imediatamente na sela sem armadura e sem cota de malhas, para ir ver o que se passava. Foi atacado por uma tropa de inimigos, que o matou. O rei dos *franj* entrou na cidade, atingindo o palácio do sultão; seus soldados se espalharam pelas ruas, enquanto os soldados muçulmanos e a população procuravam salvar-se numa fuga desordenada. O Islã parecia mortalmente atingido, e os *franj* iam colher o fruto da vitória quando chegaram os mamelucos turcos. Como o inimigo havia se dispersado pelas ruas, estes cavaleiros se lançaram valentemente ao assalto. Por toda parte os *franj* eram surpreendidos e massacrados a golpes de espada ou de maça. No fim do dia, os pombos tinham levado ao Cairo uma mensagem que anunciava o ataque dos *franj* sem nada contar sobre o final da batalha. Também estávamos angustiados. Todo mundo ficou triste nos bairros da cidade até o dia seguinte, quando novas mensagens nos informaram da vitória dos leões turcos. Houve festa nas ruas do Cairo".

Durante as semanas seguintes, o cronista vai observar, a partir da capital egípcia, duas séries de acontecimentos paralelos que vão mudar a face do Oriente árabe: de um lado, a luta vitoriosa contra a última grande invasão franca; de outro, uma revolução única na história, já que ela vai levar ao poder, por perto de três séculos, uma casta de oficiais-escravos.

Após a derrota em Mansurah, o rei da França vê que sua posição militar se torna insustentável. Incapaz de tomar a cidade, importunado por todos os lados pelos egípcios num terreno lamacento, atravessado por inúmeras canais, Luís decide negociar. Em princípios de março, ele dirige a Turanshah, que acaba de chegar do Egito, uma mensagem conciliadora onde se diz pronto a aceitar a proposta feita por Ayyub de devolver Damietta em troca de Jerusalém. A resposta do novo sultão não se faz esperar: as ofertas generosas feitas por Ayyub deveriam ter sido aceitas no tempo de Ayyub! Agora, é tarde demais. De fato, Luís pode esperar no máximo salvar seu exército para deixar o Egito são e salvo, pois a pressão à sua volta se acentua. Em meados de março, várias dezenas de galeras egípcias chegam a infligir uma severa derrota à frota franca, destruindo ou capturando perto de uma centena de embarcações de todas as dimensões e cortando aos invasores todas as possibilidades de fuga para Damietta. A 7 de abril, o exército de invasão, que tenta forçar o bloqueio, é atacado por batalhões de mamelucos, aos quais se juntam milhares de voluntários. No final de poucas horas, os *franj* se encontram numa situação aflitiva. Para acabar com o massacre de seus homens, o rei da França capitula e pede que sua vida seja salva. Ele é conduzido, acorrentado, até Mansurah, onde é trancado na casa de um funcionário aiúbida.

Curiosamente, essa estrondosa vitória do novo sultão aiúbida, longe de reforçar seu poder, vai desencadear sua queda. Um conflito opõe, com efeito, Turanshah aos principais oficiais mamelucos de seu exército. Estes últimos, considerando não sem razão que é a eles que o Egito deve sua salvação, exigem desempenhar um papel determinante na direção do governo, enquanto o soberano quer aproveitar de seu prestígio recém-adquirido para instalar seus próprios homens nos cargos de responsabilidade. Três semanas após a vitória sobre os *franj*, um grupo desses oficiais mamelucos, reunidos pela iniciativa de um brilhante oficial turco de 40 anos, Baibars, o besteiro, decide entrar em ação. A 2 de maio de 1250, à saída de um banquete organizado pelo monarca, estoura uma revolta. Turanshah, ferido no ombro por Baibars, corre em direção ao Nilo na esperança de fugir numa barca, quando seus assaltantes tornam a agarrá-lo. Ele suplica para que lhe poupem a vida, prometendo deixar para sempre o Egito e renunciar ao poder. Mas o último dos sultões aiúbidas é morto sem piedade. Um enviado do califa de-

verá intervir para que os mamelucos aceitem dar uma sepultura a seu ex-mestre.

Apesar do êxito em seu golpe de Estado, os oficiais-escravos hesitam em se apoderar diretamente do trono. Os mais prudentes entre eles se esforçam para encontrar um compromisso que permita conferir a seu poder-nascente uma aparência de legitimidade aiúbida. A fórmula que eles põem em funcionamento marcará época na história do mundo muçulmano, como notou Ibn Wassel, testemunha incrédula do singular acontecimento.

"Após o assassinato de Turanshah", ele conta, "os emires e os mamelucos se reuniram perto do pavilhão do sultão e decidiram levar ao poder Chajarat-ad-dorr, uma esposa do sultão aiúbida, que se torna rainha e sultana. Ela tomou em mãos os negócios do governo, estabeleceu em seu nome um selo real com a fórmula *Oum Khalil*, 'a mãe de Khalil', uma criança que ela havia tido e que morrera na infância. O sermão da sexta-feira foi pronunciado em todas as mesquitas em nome de Oum Khalil, sultana do Cairo e de todo o Egito. Este foi um fato sem precedentes na história do Islã".

Pouco depois de sua entronização, Chajarat-ad-dorr se casa com um dos chefes mamelucos, Aibek, e lhe confere o título de sultão.

A substituição dos aiúbidas pelos mamelucos marca um nítido endurecimento da atitude do mundo muçulmano com relação aos invasores. Os descendentes de Saladino tinham se mostrado mais do que conciliantes para com os *franj*. Sobretudo seu poder enfraquecido não estava mais em condições de fazer frente aos perigos que ameaçavam o Islã tanto a leste quanto a oeste. A revolução mameluca aparecerá rapidamente como um empreendimento de endireitamento militar, político e religioso.

O golpe de Estado acontecido no Cairo não muda em nada o destino do rei da França, sobre quem um acordo de princípio se interpusera nos tempos de Turanshah, segundo o qual Luís devia permanecer livre em troca da retirada de todas as tropas francas do território egípcio, particularmente de Damietta, e do pagamento de um resgate de um milhão de dinates. Poucos dias depois da ascensão ao poder de Oum Khalil, o soberano francês é efetivamente solto, depois de ter sido admoestado pelos negociadores egípcios: "Como um homem de bom senso, sábio e inteligente como você, pode embarcar num navio para vir a um território povoado por inumeráveis muçulmanos? De acordo com nossa lei, um homem que atravessa assim o mar não pode ser questionado pela justiça". "E por quê?", interroga o rei. "Porque se considera que ele não esteja na posse de todas as suas faculdades."

O último soldado franco deixará o Egito antes do final do mês de maio.

Nunca mais os ocidentais tentarão invadir o país do Nilo. O "perigo louro" será rapidamente eclipsado por aquele, bem mais pavoroso, que representa os descendentes de Gengis Khan. Desde a morte do grande conquistador, seu império ficou enfraquecido pelos conflitos de sucessão, e o Oriente muçulmano beneficiou-se de um pequeno e inesperado descanso. A partir de 1251, todavia, os cavaleiros das estepes estão novamente unidos sob a autoridade de três irmãos, netos de Gengis Khan: Mongkla, Kubilai e Hulagu. O primeiro é designado como soberano incontestável do império, tendo por capital Karakorum, na Mongólia; o segundo reina em Pequim; o terceiro, instalado na Pérsia, tem a ambição de conquistar todo o Oriente muçulmano, até as margens do Mediterrâneo, talvez até o Nilo. Hulagu é um personagem complexo. Apaixonado pela filosofia e pelas ciências, procurando a sociedade dos letrados, se transforma durante suas campanhas numa besta sanguinária, sedenta de sangue e de destruição. Sua atitude com relação à religião não é menos contraditória. Bastante influenciado pelo cristianismo — sua mãe, sua mulher preferida e vários de seus colaboradores pertencem à Igreja nestoriana — ele entretanto jamais renunciou ao xamanismo, religião tradicional de seu povo. Nos territórios que governa, particularmente na Pérsia, mostra-se geralmente tolerante com relação aos muçulmanos, mas, arrebatado por sua vontade de destruir qualquer entidade política capaz de se opor a ele, sustenta contra as metrópoles mais prestigiosas do Islã uma guerra de destruição total.

Seu primeiro alvo será Bagdá. Num primeiro tempo, Hulagu pede ao califa abássida al-Mutassim, trigésimo sétimo de sua dinastia, para reconhecer a suserania mongol como seus predecessores tinham aceito no passado a dos seldjúcidas. O príncipe dos crentes, confiante demais em seu prestígio, manda dizer ao conquistador que qualquer ataque contra a capital do califado provocaria a mobilização da totalidade do mundo muçulmano, das Índias ao Maghreb. De modo algum impressionado, o neto de Gengis Khan proclama sua intenção de tomar a cidade pela força. Acompanhado de centenas de milhares de cavaleiros, ele avança, no final de 1257, em direção à capital abássida, destruindo em sua passagem o santuário dos Assassinos em Alamut, onde uma biblioteca de valor inestimável é destruída, tornando para sempre difícil qualquer conhecimento aprofundado da doutrina e das atividades da seita. Assumindo então consciência da amplitude da ameaça, o califa decide negociar. Propõe a Hulagu pronunciar seu nome nas mesquitas de Bagdá e lhe outorgar o título de sultão. É tarde demais: o mongol optou definitivamente pela força. Depois de algumas semanas de resistência corajosa, o príncipe dos crentes é forçado a capitular. Ele vai pessoalmente, a 10 de fevereiro de 1258, ao acampamento do vencedor e faz com

que ele prometa conservar a vida de todos os cidadãos, se eles aceitarem depor as armas. Em vão: assim que se desarmam, os combatentes muçulmanos são exterminados. Depois a horda mongólica se espalha pela prestigiosa cidade, demolindo os edifícios, incendiando bairros, massacrando sem piedade homens, mulheres e crianças, perto de oitenta mil pessoas ao todo. Só a comunidade cristã da cidade é poupada graças à intervenção da mulher do Khan. O próprio príncipe dos crentes será executado por sufocação poucos dias depois de sua derrota. O final trágico do califado abássida mergulha o mundo muçulmano no estupor. Não se trata mais de agora em diante de um combate bélico para o controle de uma cidade ou de uma região, mas de uma luta desesperada pela sobrevivência do Islã.

Tanto que os tártaros prosseguem seu caminho triunfal em direção à Síria. Em janeiro de 1260, o exército de Hulagu investe contra Alepo, tomada depois de uma resistência heróica. Como em Bagdá, massacres e destruições se abatem sobre essa antiga cidade, culpada de ter feito frente ao conquistador. Algumas semanas mais tarde, os invasores estão às portas de Damasco. Os régulos aiúbidas que ainda governam as cidades sírias são incapazes de reter a corrente. Alguns deles decidem reconhecer o poderio do Grande Khan, sonhando mesmo, cúmulo da inconsciência, aliar-se aos invasores contra os mamelucos do Egito, inimigos de sua dinastia. Entre os cristãos, orientais ou francos, as opiniões estão divididas. Os armênios, na pessoa de seu rei Hethum, tomam a defesa dos mongóis, assim como o príncipe Bohémond de Antioquia, seu genro. Em compensação, os *franjs* de Acre adotam uma posição de neutralidade, que favorecia sobremaneira aos muçulmanos. Mas a impressão que prevalece, tanto no Oriente quanto no Ocidente, é que a campanha mongol é uma espécie de guerra santa levada contra o Islã, que corresponde simetricamente às expedições francas. Esta impressão é reforçada pelo fato de que o principal lugar-tenente de Hulagu na Síria, o general Kitbuka, é um cristão nestoriano. Quando Damasco é tomada, a 1.º de março de 1260, são três príncipes cristãos, Bohémond, Hethum e Kitbuka, que ali penetram como vencedores, para grande escândalo dos árabes.

Até onde irão os tártaros? A Meca, asseguram alguns, para levar o golpe de misericórdia à religião do Profeta. Em Jerusalém, de qualquer forma, e dentro em pouco. Toda a Síria está convencida disso. No dia seguinte à queda de Damasco, dois destacamentos mongóis se apressam em ocupar duas cidades palestinas: Naplusa, no centro, e Gaza, a sudoeste. Estando, esta última, situada nos confins do Sinai, parece certo, nessa trágica primavera de 1260, que o próprio Egito não escapará à devastação. Hulagu, aliás, não esperou o final de sua campanha síria para enviar um embaixador ao Cairo para pedir a rendição incondicional do país do Nilo. O emissário foi

recebido, ouvido e depois decapitado. Os mestiços não brincam. Seus métodos não se assemelham em nada aos de Saladino. Os sultões-escravos que governam no Cairo há dez anos refletem o endurecimento e a intransigência de um mundo árabe acometido por todas as partes. Eles se batem por todos os meios. Sem escrúpulos, sem gestos magnânimos, sem compromisso. Mas com coragem e eficiência.

Em todo caso, é para eles que se voltam os olhares, pois representam a última esperança de entrave à progressão do invasor. No Cairo, o poder está há alguns meses nas mãos de um militar de origem turca, Qutuz. Chajarat-ad-dorr e seu marido Aibek, após terem governado juntos por sete anos, haviam acabado por se destruir um ao outro. A esse respeito, numerosas versões circularam durante muito tempo. Aquela que tem o favor dos contadores populares mistura evidentemente o amor e o ciúme às ambições políticas. A sultana está dando banho em seu marido, como o faz sempre, quando, aproveitando desse momento de repouso e de intimidade, ela censura o sultão por ter tomado como amante uma linda escrava de 14 anos. "Então não te agrado mais?", pergunta para enternecê-lo. Mas Aibek responde brutalmente: "Ela é jovem, e tu não és mais". Chajarat-ad-dorr treme de raiva. Cobre os olhos do marido com sabão, dirige-lhe algumas palavras conciliadoras para distraí-lo, depois bruscamente, pegando um punhal, atravessa-lhe o flanco. Aibek cai. A sultana fica alguns instantes imóvel, como que paralisada. Depois, dirigindo-se à porta, chama alguns escravos fiéis para que a livrem do corpo. Mas, para sua infelicidade, um dos filhos de Aibek, de quinze anos, que notou estar vermelha a água do banho que escorre para fora, se precipita no quarto, percebe Chajarat-ad-dorr de pé junto à porta, seminua, tendo ainda na mão um punhal vermelho de sangue. Ela foge pelos corredores do palácio, perseguida por seu enteado, que alerta os guardas. No momento de ser pega, a sultana tropeça. Sua cabeça vai violentamente de encontro a um ladrilho de mármore. Quando a encontram, ela não mais respira.

Ainda que fortemente romanceada, esta versão apresenta um real interesse histórico, na medida em que, segundo qualquer memória, reproduz o que efetivamente se contou nas ruas do Cairo no dia seguinte ao drama, em abril de 1257.

Seja como for, após o desaparecimento dos dois soberanos, o jovem filho de Aibek se instala no trono. Não por muito tempo. À medida que a ameaça mongol torna necessário, os chefes do exército egípcio determinam que um adolescente não pode assegurar a responsabilidade do combate decisivo que se prepara. Em dezembro de 1259, no momento em que as hordas de Hulagu começam a desfraldar as velas sobre a Síria, um golpe de Estado

leva ao poder Qutuz, um homem maduro, enérgico, que fala de improviso a linguagem da Guerra Santa e convoca a mobilização geral contra o invasor inimigo do Islã.

Com o retrocesso histórico, o novo golpe de Estado do Cairo surge como um verdadeiro sobressalto patriótico. Logo em seguida, o país está em pé de guerra. Em julho de 1260, um poderoso exército egípcio penetra na Palestina para enfrentar o inimigo.

Qutuz não ignora que o exército mongol perdeu seus efetivos desde que Mongka, Khan supremo dos mongóis, tendo morrido, seu irmão Hulagu teve de partir com seu exército para participar da inevitável luta de sucessão. Desde a tomada de Damasco, o neto de Gengis Khan abandonou a Síria, deixando lá apenas alguns milhares de cavaleiros comandados por seu lugar-tenente Kitbuka.

O sultão Qutuz sabe que é o momento de desferir um golpe no invasor. O exército egípcio começa por atacar a guarnição mongol de Gaza que, desprevenida, mal resiste. Depois os mamelucos avançam até Acre, sabendo que os *franjs* da Palestina se mostram mais reticentes que os de Antioquia com relação aos mongóis. Se alguns de seus barões se rejubilam ainda com as derrotas do Islã, a maioria está atemorizada com a brutalidade dos conquistadores asiáticos. Também, quando Qutuz lhes propõe uma aliança, sua resposta é negativa: se não estão prontos para participar dos combates, não se opõem a deixar passar o exército egípcio em suas terras e a permitir que eles se abasteçam. O sultão pode assim avançar pelo interior da Palestina, e mesmo até Damasco, sem ter de proteger sua retaguarda.

Kitbuka se prepara para ir ao seu encontro quando eclode uma insurreição popular em Damasco. Os muçulmanos da cidade, cansados com os rigores do invasor e encorajados com a partida de Hulagu, levantam barricadas nas ruas e põem fogo nas igrejas poupadas pelos mongóis. Kitbuka vai precisar de vários dias para restabelecer a ordem, o que permite a Qutuz consolidar suas posições na Galiléia. É nos arredores da aldeia de Ain Jalut, "a fonte de Golias", que os dois exércitos se encontram a 3 de setembro de 1260. Qutuz teve tempo de esconder a maior parte de suas tropas, deixando apenas no campo de batalha uma vanguarda comandada pelo mais brilhante de seus oficiais, Baibars. Kitbuka chega repentinamente e, mal informado, cai na armadilha. Com todas as suas tropas, ele se lança ao ataque. Baibars recua, mas enquanto o persegue o mongol se vê de súbito cercado por todos os lados pelas forças egípcias, mais numerosas que as suas.

Em poucas horas, a cavalaria mongol é exterminada. O próprio Kitbuka é capturado e logo decapitado.

A 8 de setembro à noite, os cavaleiros mamelucos entram como libertadores numa Damasco regozijante.

*Praza a Deus que eles
nunca mais coloquem os
pés aqui.
Abul-Fida*

Bem menos espetacular que Hittin, mais convencional também no plano militar, Ain Jalut aparece todavia como uma das batalhas mais decisivas da História. Ela vai, na verdade, permitir aos muçulmanos não somente escapar ao aniquilamento, mas também reconquistar todas as terras que os mongóis lhes haviam tomado. Logo os descendentes de Hulagu, instalados na Pérsia, vão se converter ao Islã para melhor assentar sua autoridade.

No instante, o sobressalto mameluco vai conduzir a uma série de prestações de contas com todos aqueles que ajudaram o invasor. O alerta havia sido impetuoso. Doravante, nada de conceder *sursis* ao inimigo, quer seja *franjs* ou tártaro.

Após ter retomado Alepo, no princípio de outubro de 1260, e repellido sem dificuldade uma contra-ofensiva de Hulagu, os mamelucos se empenham em organizar grupos de ataques punitivos contra Bohémond de Antioquia e Hethum da Armênia, principais aliados dos mongóis. Mas uma luta pelo poder ocorre no seio do exército egípcio. Baibars queria estabelecer-se em Alepo na qualidade de governador semi-independente; Qutuz, que rejeitava as ambições de seu lugar-tenente, recusa. Ele não aceita um poder concorrente na Síria. Para pôr termo a esse conflito, o sultão reúne seu exér-

cito e retoma o caminho do Egito. A três dias de marcha do Cairo, ele concede aos soldados um dia de repouso, 23 de outubro, e decide se entregar a seu esporte favorito, a caça à lebre, em companhia dos principais chefes do exército. Ele tem, aliás, o cuidado de se fazer acompanhar por Baibars, com medo de que este último aproveite de sua ausência para fomentar uma rebelião. A pequena tropa se afasta do acampamento ao amanhecer. No fim de duas horas, pára para descansar um pouco. Um emir se aproxima de Qutuz e toma-lhe a mão como se fosse para beijá-la. No mesmo instante, Baibars desembainha a espada e a crava nas costas do sultão, que cai. Sem perder um momento, os dois conjurados saltam em suas montarias e retornam ao acampamento à toda velocidade. Apresentam-se diante do emir Aqtai, um velho oficial unanimemente respeitado no exército, e lhe anunciam: "Matamos Qutuz". Aqtai, que não parece estar muito emocionado, pergunta: "Qual de vós o matou com as próprias mãos?". Baibars não hesita: "Fui eu!". O velho mameluco se aproxima dele, o convida a se instalar na tenda do sultão e se curva diante dele para lhe render homenagem. Logo, todo o exército aclama o novo sultão.

Essa ingratidão para com o vencedor de Ain Jalut, menos de dois meses após seu brilhante feito, não enaltece, evidentemente, os mamelucos. É preciso todavia considerar, para defesa dos oficiais-escravos, que a maior parte deles considera Baibars, há longos anos, como seu verdadeiro chefe. Não foi ele quem, em 1250, ousou pela primeira vez castigar com sua arma o aiúbida Turanshah, expressando assim a vontade dos mamelucos de tomar conta do poder? Ele não desempenhou um papel determinante na vitória contra os mongóis? Tanto pela sua perspicácia política, pela sua habilidade militar, quanto por sua extraordinária coragem física, ele se impôs como o primeiro dos seus.

Nascido em 1233, o sultão mameluco começou a vida como escravo na Síria. Seu primeiro mestre, o emir aiúbida de Hama, o tinha vendido por superstição, pois seu olhar o inquietava. O jovem Baibars era em verdade um gigante muito moreno, de voz rouca, olhos claros e azuis, tendo, no olho direito, uma mancha branca. O futuro sultão foi comprado por um oficial mameluco que o incorporou à guarda de Ayyub onde, graças às suas qualidades pessoais, e sobretudo à sua total ausência de escrúpulos, conseguiu abrir caminho até o topo da hierarquia.

No final de outubro de 1260, Baibars entra vencedor no Cairo, onde sua autoridade é reconhecida sem nenhuma dificuldade. Nas cidades sírias, em compensação, outros oficiais mamelucos aproveitam da morte de Qutuz para proclamar sua independência. Mas, através de uma campanha-relâmpago, o sultão se apodera de Damasco e de Alepo, reunificando sob sua auto-

ridade o antigo domínio aiúbida. Muito rapidamente, esse oficial sanguinário e inculco mostra ser um grande homem de Estado, artesão de um verdadeiro renascimento do mundo árabe. Sob seu reinado, o Egito e, em menor escala, a Síria, vão tornar-se centros de emanção cultural e artística. Baibars, que vai consagrar sua vida a destruir todas as fortalezas francas capazes de lhe fazer frente, se afirma por outro lado como um grande construtor, embelezando o Cairo, construindo acima de tudo seu domínio de pontes e estradas. Também vai restabelecer uma espécie de serviço postal, com pombos ou cavalos, ainda mais eficaz que os de Nureddin ou Saladino. Seu governo será severo, às vezes brutal, mas esclarecido, e de modo algum arbitrário. Com relação aos *franj*, ele adota desde sua ascensão ao poder uma atitude firme, que visa reduzir sua influência. Mas diferencia aqueles de Acre, que ele simplesmente quer enfraquecer, daqueles de Antioquia, culpados de terem causado em comum com os invasores mongóis.

Desde o final de 1261, ele pensa em organizar uma expedição punitiva contra as terras do príncipe Bohémond e do rei armênio Hethum. Mas vai de encontro aos tártaros. Se Hulagu não está mais em condições de invadir a Síria, ele dispõe ainda, na Pérsia, de forças suficientes para impedir o castigo de seus aliados. Prudentemente, Baibars decide esperar melhor ocasião.

Ela se apresenta em 1265, com a morte de Hulagu. Então, Baibars aproveita as divisões que se manifestam entre os mongóis para invadir antes de tudo a Galiléia e reduzir várias praças-fortes com a cumplicidade de uma parte da população cristã local. Depois se dirige bruscamente em direção ao norte, penetra no território de Hethum, destrói uma a uma todas as cidades, e particularmente sua capital, Sis, da qual mata uma grande parte da população e leva mais de quarenta mil cativos. O reino armênio jamais se restabelecerá. Na primavera de 1268, Baibars parte novamente em campanha. Começa por atacar os arredores de Acre, apodera-se do castelo de Beaufort, depois, arrastando seu exército em direção ao norte, se apresenta em 1º de maio sob os muros de Trípoli. Ali encontra o mestre da cidade, que não é outro senão Bohémond, igualmente príncipe de Antioquia. Este último, que nada ignora do ressentimento do sultão a seu respeito, se prepara para um longo cerco. Mas Baibars tem outros projetos. Poucos dias mais tarde, ele retoma seu caminho em direção ao norte para chegar diante de Antioquia em 14 de maio. A maior das cidades francas, que tinha feito frente durante 170 anos a todos os soberanos muçulmanos, não resistirá por mais de quatro dias. Em 18 de maio à noite uma brecha é aberta nas muralhas, não longe da cidadela; as tropas de Baibars se espalham pelas ruas. Essa conquista não se assemelha às de Saladino. A população é inteiramente massa-

crada ou fica reduzida à escravidão, a própria cidade é totalmente devastada. Da prestigiosa Antioquia restará apenas uma aldeola desolada, salpicada de ruínas, que o tempo enterrará sob a vegetação.

Bohémond só fica sabendo da queda de sua cidade através de uma carta memorável que lhe envia Baibars, na realidade redigida pelo cronista oficial do sultão, o egípcio Ibn Abd-el-Zaher:

“Ao nobre e valoroso cavaleiro Bohémond, príncipe transformado em simples conde graças à tomada de Antioquia”.

A picardia não pára aí:

“Quando te deixamos em Trípoli, nos dirigimos imediatamente a Antioquia, onde chegamos no primeiro dia do mês venerado do ramadã. Na mesma hora de nossa chegada, tuas tropas saíram para nos oferecer combate, mas foram vencidas, pois, se elas se prestassem apoio mútuo, o apoio de Deus lhes faltaria. Não viste teus cavaleiros no chão debaixo das patas dos cavalos, teus palácios submetidos ao saque, tuas damas sendo vendidas nos mercados da cidade e compradas por um dinar somente, tomado, aliás, de teu próprio dinheiro!”.

Após uma longa descrição, onde nenhum detalhe foi economizado ao recipiendário da mensagem, o sultão conclui, chegando ao fato:

“Esta carta te alegrará ao anunciar-te que Deus te deu a graça de te guardar são e salvo e de prolongar a tua vida, já que não te encontravas em Antioquia. Pois, se ali estivesse, agora estarias morto, ferido ou serias prisioneiro. Mas talvez Deus tenha te economizado para que te submetas e faças ato de obediência”.

Como homem razoável, e sobretudo impossibilitado de atuação, Bohémond responde propondo uma trégua. Baibars aceita. Ele sabe que o conde, aterrorizado, não representa mais nenhum perigo, não mais que Hethum, cujo reino foi praticamente riscado do mapa. Quanto aos *franj* da Palestina, estes se contentam em obter uma prorrogação. O sultão envia a Acre seu cronista Ibn Abd-el-Zaher para selar o acordo.

“Seu rei procurava hesitar para obter melhores condições, mas eu me mostrei inflexível, de conformidade com as diretivas do sultão. Exasperado, o rei dos *franj* pediu ao intérprete: ‘Diga-lhe para olhar atrás dele!’. Eu me voltei e vi todo o exército dos *franj* em formação de combate. O intérprete acrescentou: ‘O rei te diz para não te esqueceres da existência desta multidão de soldados’. Como tu não respondesse, o rei insistiu com o intérprete. Então perguntei: ‘Posso estar seguro de conservar a vida se eu disser o que penso?’.

‘Sim.’ ‘Então, diga ao rei que há menos soldados em seu exército do que prisioneiros francos nas prisões do Cairo!’ O rei só faltou ficar sufocado, então pôs fim à entrevista, mas pouco tempo depois ele nos recebeu para concluir a trégua.”

De fato, os cavaleiros francos não mais inquietarão Baibars. A inevitável reação com a tomada de Antioquia, ele o sabe, não virá deles, mas de seus mestres, os reis do Ocidente.

O ano de 1268 não havia terminado quando rumores persistentes anunciavam o retorno próximo ao Oriente do rei da França à frente de um poderoso exército. O sultão interroga freqüentemente mercadores ou viajantes. Durante o verão de 1270, uma mensagem chega ao Cairo anunciando que Luís desembarcou com seis mil homens na praia de Carrago, próximo a Túnis. Sem hesitar, Baibars reúne os principais emires mamelucos para lhes anunciar sua intenção de partir à frente de um poderoso exército em direção à longínqua província da África, para ajudar os muçulmanos a repelir essa nova invasão franca. Mas, poucas semanas mais tarde, uma nova mensagem chega ao sultão, assinada por al-Mustansir, emir de Túnis, informando que o rei da França foi encontrado morto em seu acampamento e que seu exército havia partido, não sem ter sido em grande parte dizimado pela guerra ou pela doença. Afastado esse perigo, é tempo de Baibars lançar uma nova ofensiva contra os *franj* do Oriente. Em março de 1271, ele se apodera do temível “Hosn-al-Akrad”, o krak dos cavaleiros, que o próprio Saladino não tinha conseguido vencer.

Nos anos que se seguem, os *franj* e sobretudo os mongóis, dirigidos por Abaga, filho e sucessor de Hulagu, organizarão várias incursões à Síria; mas serão invariavelmente repelidos. E quando Baibars morre envenenado, em julho de 1277, as possessões francas no Oriente não representam mais do que um rosário de cidades costeiras cercadas por todas as partes pelo império mameluco. Sua poderosa rede de fortalezas foi totalmente desmantelada. O *sursis* de que gozaram no tempo dos aiúbidas termina imediatamente; sua expulsão é de agora em diante fatal.

Entretanto nada urge. A trégua concedida por Baibars é mantida em 1283 por Qalaun, o novo sultão mameluco. Com relação aos *franj*, este não dá provas de nenhuma hostilidade. Declara-se pronto a garantir sua presença e sua segurança no Oriente, com a condição de que eles renunciem, por ocasião de cada invasão, a prestar auxílio aos inimigos do Islã. O texto do tratado que ele propõe ao reino de Acre constitui, da parte deste administrador hábil e esclarecido, uma tentativa de “regularização” da situação dos *franj*.

“Se um rei franco partisse do Ocidente”, diz o texto, “para vir meter-se nas terras do sultão ou de seu filho, o regente do reino e os grandes mestres de Acre estavam obrigados a informar o sultão de sua vinda dois meses antes de sua chegada. Se ele desembarcasse no Oriente depois que estes dois meses se passassem, o regente do reino e os grandes mestres de Acre estariam isentos de qualquer responsabilidade.

Se um inimigo viesse dentre os mongóis, ou de outra parte, aquele dos dois partidos que tivesse conhecimento disso em primeiro lugar deveria advertir o outro. Se tal inimigo — Deus queira que não! — marchasse contra a Síria e as tropas do sultão se retirassem diante dele, os dirigentes de Acre teriam direito de entrar em negociações com esse inimigo com o objetivo de salvar seus súditos e seus territórios”.

Assinada em maio de 1283, “por dez anos, dez meses, dez dias e dez horas”, a trégua cobre “todos os países francos do litoral, isto é, a cidade de Acre, com seus vergéis, seus terrenos, seus moinhos, suas vinhas e as setenta e três aldeias que dela dependem; a cidade de Haifa, suas vinhas, seus vergéis e as sete aldeias que a ela estão ligadas ... No que diz respeito a Saida, o castelo e a cidade, as vinhas e a periferia pertencem aos *franj*, assim como as quinze aldeias que a ela estão ligadas, com a planície circundante, seus rios, riachos, fontes, vergéis, moinhos, canais e diques que servem há muito tempo para a irrigação de suas terras”. Se a enumeração é longa e minuciosa é para evitar qualquer litígio. O conjunto do território franco aparece todavia dividido: uma faixa costeira, estreita e adelgada, que não se assemelha em nada à antiga e temível potência regional constituída outrora pelos *franj*. Verdade que os locais mencionados não representam o conjunto das possessões francas. Tiro, que se destacou do reino de Acre, conclui um acordo separado com Qalaun. Mais ao norte, cidades como Trípoli ou Lattaquieh estão excluídas da trégua.

É também o caso da fortaleza de Marqab, mantida pelos hospitalários, “al-osbitar”. Estes monges-cavaleiros tomaram a defesa dos mongóis, até mesmo combatendo a seu lado quando de uma nova tentativa de invasão em 1281. Assim, Qalaun decidiu fazê-los pagar por isso. Na primavera de 1285, nos conta Ibn Abd-el-Zaher, “o sultão preparou em Damasco máquinas de sítio. Mandou vir do Egito grande quantidade de flechas e de armas de todas as espécies que ele distribuiu aos emires. Mandou preparar também engenhos de ferro e tubos lança-chamas como não existem em parte alguma salvo nos *makhazen* — depósitos — e *dar-al-sinaa*, arsenal do sultão. Igualmente foram recrutados peritos pitotécnicos, e cercou-se Marqab com um cinturão de catapultas das quais três do tipo ‘franco’ e quatro do tipo ‘diabo’. A 25 de maio, as alas da fortaleza estão tão profundamente mina-

das que os defensores capitulam. Qalaun os autoriza a partir são e salvos para Trípoli, levando seus bens pessoais.

Uma vez mais, os aliados dos mongóis teriam sido castigados sem que estes últimos pudessem intervir. Gostariam de ter reagido, mas as cinco semanas que durou o cerco teriam sido insuficientes para organizar uma expedição que partisse da Pérsia. Entretanto, nesse ano de 1285, os tártaros, mais determinados do que nunca, decidem retomar sua ofensiva contra os muçulmanos. Seu novo chefe, o *ilkhan* Arghun, neto de Hulagu, retomou por conta própria o sonho mais caro de seus predecessores: realizar uma aliança com os ocidentais para tomar o sultanato mameluco. Contatos bem regulares são então estabelecidos entre Tabriz e Roma para organizar uma expedição comum, ou pelo menos combinada. Em 1289, Qalaun pressente um perigo iminente, mas seus agentes não conseguem fornecer-lhe informações precisas. Ele ignora, em particular, que um plano de campanha minucioso, elaborado por Arghun, acaba de ser proposto por escrito ao papa e aos principais reis do Ocidente. Uma dessas cartas, endereçada ao soberano francês Felipe IV, o Belo, foi conservada. O chefe mongol nela propõe iniciar a invasão da Síria na primeira semana de janeiro de 1291. Ele prevê que Damasco cairá em meados de fevereiro e que Jerusalém será tomada pouco depois.

Sem verdadeiramente adivinhar o que está sendo tramado, Qalaun fica cada vez mais inquieto. Ele teme que os invasores do leste ou do oeste não possam encontrar nas cidades francas da Síria uma cabeça de ponte que facilite sua penetração. Mas, ainda que esteja convencido de que a presença dos *franj* constitui uma ameaça permanente para a segurança do mundo muçulmano, ele recusa confundir as pessoas de Acre e as da metade norte da Síria, que se mostraram abertamente favoráveis ao invasor mongol. De qualquer maneira, como homem honrado, o sultão não pode atacar Acre, protegida pelo tratado de paz por cinco anos ainda. Assim decidirá pôr a culpa em Trípoli. É sob os muros da cidade, conquistada 180 anos antes pelo filho de Sain-Gilles, que seu poderoso exército se reúne em março de 1289.

Entre as dezenas de combatentes do exército muçulmano se encontra Abul-Fida, um jovem emir de 16 anos. Saído da dinastia aiúbida mas transformado em vassalo dos mamelucos, ele reinará alguns anos mais tarde sobre a pequena cidade de Hama, onde consagrará o essencial de seu tempo a ler e a escrever. A obra deste historiador, que é também geógrafo e poeta, é sobretudo interessante pela narrativa que nos oferece dos últimos anos da presença franca no Oriente. Pois Abul-Fida está presente, com os olhos atentos e a espada na mão, em todos os campos de batalha.

"A cidade de Trípoli", ele observa, "está cercada pelo mar e só pode ser atacada por terra pelo leste, por uma estreita passagem. Após ter armado o cerco, o sultão apontou em sua direção um grande número de catapultas de todos os tamanhos, e lhe impôs um bloqueio rigoroso".

Após mais de um mês de combates, a cidade cai em abril nas mãos de Qalaun.

"As tropas muçulmanas ali penetraram à força", acrescenta Abul-Fida, que de modo algum tenta encobrir a verdade. "A população retrócedeu para o porto. Ali, alguns homens escaparam em navios, mas a maioria deles foi massacrada, as mulheres e as crianças capturadas, e os muçulmanos ameaçaram um imenso despojo."

Quando os invasores acabaram de matar e de saquear, a cidade é demolida e arrasada por ordem do sultão.

"A pouca distância de Trípoli havia, em pleno mar, uma ilha com uma igreja. Quando a cidade foi tomada, muitos *franj* ali se refugiaram com suas famílias. Mas as tropas muçulmanas lançaram-se ao mar, atravessaram a nado até a ilha, massacraram todos os homens que ali estavam refugiados e levaram as mulheres e as crianças juntamente com o saque. Após a carnificina, eu mesmo passei pela ilha de barco, mas não pude ficar por causa do mau cheiro dos cadáveres."

O jovem aúfida, imbuído da grandeza e da magnanimidade de seus ancestrais, não pode impedir de ficar escandalizado com esses massacres inúteis. Mas, como sabe, os tempos mudaram.

Curiosamente, a expulsão dos *franj* se passa numa atmosfera que lembra a que tinha caracterizado sua chegada, perto de dois séculos antes. Os massacres de Antioquia de 1268 parecem reproduzir os de 1098, e o encarniçamento sobre Trípoli será apresentado pelos historiadores árabes dos séculos vindouros como uma resposta tardia à destruição, em 1109, da cidade de Banu Ammâr. Entretanto, é durante a batalha de Acre, a última grande batalha das guerras francas, que a desforra vai tornar-se realmente o tema maior da propaganda mameluca.

No dia seguinte à sua vitória, Qalaun é importunado por seus oficiais. Está claro de agora em diante, eles afirmam, que nenhuma cidade franca pode fazer frente ao exército mameluco, que é preciso atacar logo, sem esperar que o Ocidente, alarmado com a queda de Trípoli, organize uma expedição na Síria. Não seria necessário acabar de uma vez por todas com o que resta do reino franco? Mas Qalaun recusa: ele assinou uma trégua e nunca

trairá seu juramento. Não poderia então, insiste seu círculo, pedir aos doutores da lei para proclamar a nulidade do tratado com Acre, esse procedimento muitas vezes utilizado pelos *franj* no passado? O sultão se opõe. Ele lembra a seus emires que jurou, no quadro do acordo assinado em 1283, a não ter recurso às consultas jurídicas para romper a trégua. Não, confirma Qalaun, ele iria apoderar-se de todos os territórios francos que o tratado não protege, mas nada mais. E despacha uma representação a Acre para reafirmar ao último dos reis, Henry, "soberano de Chipre e de Jerusalém", que respeitará seus compromissos. Ou melhor, ele decide renovar essa famosa trégua por dez anos mais a partir de julho de 1289, e encoraja os muçulmanos a aproveitar Acre para suas trocas comerciais com o Ocidente. Nos meses que se seguem, o porto palestino conhece, de fato, uma intensa atividade. As centenas, mercadores damascenos vêm se instalar nos numerosos albergues próximos aos mercados, efetuando lucrativas transações com os comerciantes venezianos ou com os ricos templários, transformados nos principais banqueiros da Síria. Por outro lado, milhares de camponeses árabes, vindos principalmente da Galiléia, afluem à metrópole franca para ali vender suas colheitas. Essa prosperidade traz proveito a todos os Estados da região, e em particular aos mamelucos. Depois de muitos anos, as correntes de troca com o Estado tendo sido perturbadas pela presença mongol, a deficiência de lucro só pode ser compensada por um desenvolvimento do comércio mediterrâneo.

Para os mais realistas dos dirigentes francos, o novo papel devolvido à sua capital — de uma grande sucursal efetuando a ligação entre dois mundos — representa uma possibilidade inesperada de sobrevivência numa região onde eles não têm mais nenhuma probabilidade de desempenhar um papel hegemônico. Todavia, não é essa a opinião de todos. Alguns ainda esperam suscitar no Ocidente uma mobilização religiosa suficiente para organizar novas expedições militares contra os muçulmanos. No dia seguinte à queda de Trípoli, o rei Henry despachou mensageiros a Roma para pedir reforços, de modo que na metade do verão de 1290 uma imponente frota chega ao porto de Acre, despejando na cidade milhares de combatentes francos fanatizados. Os habitantes observam com desconfiança esses ocidentais cambaleando de embriaguez que têm jeito de larâpios e não obedecem a nenhum chefe.

Passam-se algum tempo e os incidentes começam. Mercadores damascenos são assaltados nas ruas, despojados e abandonados mortos. As autoridades conseguem, de qualquer modo, restabelecer a ordem, mas no final de agosto a situação se deteriora. Em seguida a um banquete copiosamente regado, os recém-chegados se espalham pelas ruas. Todas as pessoas de barba

são perseguidas, depois degoladas sem piedade. Numerosos árabes, pacíficos mercadores ou camponeses, tanto cristãos como muçulmanos, perecem desse modo. Os outros fogem, para ir contar o que acabou de acontecer.

Qalaun está louco de raiva. Foi para chegar a esse ponto que ele renovou a trégua com os *franj*? Seus emires o levam a agir imediatamente. Mas como homem de Estado responsável, ele não quer se deixar ser levado pela cólera. Envia a Acre uma representação para pedir explicações e exigir, sobretudo, que os assassinos lhe sejam entregues para serem castigados. Os *franj* estão divididos. Uma minoria recomenda aceitar as condições do sultão para evitar uma nova guerra. Os outros recusam, indo mesmo responder aos emissários de Qalaun que os próprios muçulmanos são responsáveis pela matança, tendo um ou dois procurado seduzir uma mulher franca.

Então Qalaun não hesita mais. Reúne seus emires e lhes anuncia sua decisão de dar fim, de uma vez por todas, a uma ocupação franca que já havia durado demais. Imediatamente os preparativos começam. Os vassalos são convocados, nos quatro cantos do sultanato, para tomar parte nesta última batalha da Guerra Santa.

Antes que o exército deixe o Cairo, Qalaun jura sobre o Alcorão não mais abandonar sua arma antes de o último franco ser expulso. O juramento é bem mais impressionante pelo fato de o sultão ser então um velho enfraquecido. Ainda que não conheçamos sua idade com precisão, parece que ele tinha ultrapassado há muito os 70 anos. Em 4 de novembro de 1290, o impressionante exército mameluco se põe em marcha. Já no dia seguinte, o sultão cai doente. Chama seus emires à sua cabeceira, faz com que eles juram obediência a seu filho Khalil e pede a este para se empenhar como ele em levar ao fim a campanha contra os *franj*. Qalaun morre, menos de uma semana mais tarde, venerado por seus súditos como um grande soberano.

O desaparecimento do sultão atrasa, em poucos meses apenas, a última ofensiva contra os *franj*. Em março de 1291, Khalil retoma, a frente de seu exército, o caminho da Palestina. Numerosos contingentes sírios reúnem-se a ele no princípio de maio na planície que cerca Acre. Abul-Fida, então com a idade de 18 anos, participa da batalha com seu pai; ele é investido de uma responsabilidade, já que tem o encargo de uma terrível catapulta, apelidada "a Vitoriosa", que precisou ser transportada peça por peça de Hosn-el-Akrad até a vizinhança da cidade franca.

"As carroças estavam tão pesadas que o deslocamento nos tomou mais de um mês, quando em tempo normal oito dias teriam sido suficientes. À chegada, os bois que puxavam as carroças estavam quase todos mortos de esgotamento e de frio.

O combate se deu imediatamente", prossegue o nosso cronista. "Nós, gente de Hama, estávamos postados como de hábito à extrema direita do exército. Estávamos na orla do mar, de onde nos atacavam embarcações francas dominadas por torres cobertas de madeira e atapetadas com peles de búfalo, de onde os inimigos atiravam sobre nós com arcos e bestas. Era preciso, pois, que combatêssemos em duas frentes, contra a gente de Acre que estava à nossa frente e contra sua frota. Tínhamos sofrido duras perdas quando um navio franco, transportando uma catapulta, começou a lançar pedaços de rochas em nossas tendas. Mas, uma noite, ventos violentos se elevaram. O navio começou a balançar, sacudido pelas ondas, de modo que a catapulta partiu-se em pedaços. Uma outra noite, um grupo de *franj* fez uma saída inesperada e avançou até nosso acampamento; mas, na escuridão, alguns deles tropeçaram nas cordas que sustentavam as tendas; um cavaleiro caiu dentro da fossa das latrinas e morreu. Nossas tropas recobriram suas forças, atacaram os *franj* por todos os lados, obrigando-os a se retirar para a cidade depois de terem deixado vários mortos no campo de honra. No dia seguinte de manhã, meu primo al-Malik al-Muzaffar, senhor de Hama, mandou atar as cabeças dos *franj* mortos no pescoço dos cavalos que tínhamos capturado e as apresentou ao sultão."

É na quinta-feira 17 de junho de 1291 que, dispondo de uma superioridade militar esmagadora, o exército muçulmano penetra enfim na cidade sitiada. O rei Henry e a maior parte dos notáveis embarcam às pressas para se refugiar em Chipre. Todos os outros *franj* são capturados e mortos. A cidade fica totalmente arrasada.

"A cidade de Acre tinha sido reconquistada", precisa Abul-Fida, "ao meio-dia do décimo sétimo dia do segundo mês de *jumada* do ano 690. Ora, foi exatamente no mesmo dia, na mesma hora, no ano de 587, que os *franj* tinham tomado Acre de Saladino, capturando e depois massacrando todos os muçulmanos que ali se encontravam. Não há nisso uma curiosa coincidência?"

De acordo com o calendário cristão, essa coincidência não é menos espantosa, já que a vitória dos *franj* em Acre tinha acontecido em 1191, cem anos, quase que dia por dia, antes de sua derrota final.

"Após a conquista de Acre", prossegue Abul-Fida, "Deus lançou o pavor no coração dos *franj* que ainda permaneciam no litoral sírio. Eles evacuaram precipitadamente Saída, Beirute, Tiro e todas as outras cidades. O sultão teve assim o feliz destino, que não havia sido o de nenhum outro, de conquistar sem dificuldade todas estas praças, que ele logo mandou demolir".

De fato, na pegada de seu triunfo, Khalil decide destruir, ao longo

da costa, todas as fortalezas que um dia poderiam servir aos *franj* se ainda quisessem voltar ao Oriente.

"Com essas conquistas", conclui Abul-Fida, "todas as terras do litoral retornaram integralmente às mãos dos muçulmanos, resultado inesperado. Assim os *franj*, que outrora tinham estado a ponto de conquistar Damasco, o Egito e muitas outras regiões, foram expulsos de toda a Síria e das zonas costeiras. Praza a Deus que nunca mais eles coloquem os pés aqui!".

Epílogo

Na aparência, o mundo árabe acabava de alcançar uma vitória brilhante. Se o Ocidente procurava, através de suas invasões sucessivas, conter o impulso do Islã, o resultado foi exatamente o inverso. Não somente os Estados francos do Oriente se achavam desenraizados após dois séculos de dominação, mas os muçulmanos se tinham restabelecido tão bem que iam partir, sob a bandeira dos turcos otomanos, à conquista da própria Europa. Em 1453, Constantinopla caía em suas mãos. Em 1529, seus cavaleiros acampavam sob os muros de Viena.

Era apenas, dizíamos, a aparência. Pois, com o recuo histórico, uma constatação se impõe: na época das cruzadas, o mundo árabe, da Espanha ao Iraque, é ainda intelectualmente e materialmente o depositário da civilização mais avançada do planeta. Depois, o centro do mundo se desloca resolutamente em direção ao oeste. Há nisso uma relação de causa e efeito? Podemos chegar a afirmar que as cruzadas deram o sinal do impulso da Europa ocidental — que ia progressivamente dominar o mundo — e haviam dado o dobre funerário da civilização árabe.

Sem ser superficial, tal julgamento deve ser matizado. Os árabes sofriram, bem antes das cruzadas, de algumas "enfermidades" que a presença franca trouxe à luz e talvez agravou, mas que não criou inteiramente.

O povo do Profeta tinha perdido, desde o século IX, o controle de seu destino. Seus dirigentes praticamente eram todos estrangeiros. Dessa multidão de personagens que vimos desfilar durante dois séculos de ocupação fran-

ca, quais eram árabes? Os cronistas, os cãdis, alguns régulos locais — Ibn Amar, Ibn Muqīdh — e os califas impotentes? Mas os detentores reais do poder, e até os principais heróis da luta contra os *franj* — Zinki, Nureddin, Qutuz, Baibars, Qalaun — era turcos; al-Afdal era armênio; Chirkuh, Saladin, al-Adel, al-Kamel eram curdos. Evidentemente, a maior parte desses homens de Estado eram arabizados cultural e afetivamente, mas não esqueçamos que vimos em 1134 o sultão Massud discutir com o califa al-Mustarchid por intermédio de um intérprete, porque o seldjúcida, 80 anos após a tomada de Bagdá por seu clã, ainda não falava uma palavra de árabe. Mais grave ainda: um número considerável de guerreiros das estepes, sem nenhum laço com as civilizações árabes ou mediterrâneas, vinha regularmente se integrar à guerreira casta dirigente. Dominados, oprimidos, injuriados, estranhos em sua própria terra, os árabes não podiam continuar em seu desenvolvimento cultural iniciado no século VII. No momento da chegada dos *franj*, eles já espezinhavam, contentando-se em viver à sombra de suas aquisições do passado. E se ainda estavam claramente adiantados com relação a estes novos invasores na maior parte dos domínios, seu declínio havia começado.

Segunda "enfermidade" dos árabes, que não deixa de ter ligação com a primeira, é a sua incapacidade de construir instituições estáveis. Os *franj*, desde sua chegada ao Oriente, conseguiram criar verdadeiros Estados. Em Jerusalém, a sucessão ocorria geralmente sem choque; um conselho do reino exercia um controle efetivo sobre a política do monarca, e o clero tinha um papel reconhecido no jogo do poder. Nos Estados muçulmanos, nada disso acontecia. Toda monarquia era ameaçada com a morte do monarca, toda transmissão do poder provocava uma guerra civil. É preciso atribuir a total responsabilidade desse fenômeno às sucessivas invasões, que colocavam em causa a própria existência dos governos? É preciso incriminar as origens nômades dos povos que dominaram essa região, quer se trate dos próprios árabes, dos turcos ou dos mongóis? Não se pode, nos limites desse epílogo, resolver tal questão. Contentemo-nos em precisar que ela ainda é colocada, em termos apenas diferentes, no mundo árabe do final do século XX.

A ausência de instituições estáveis e reconhecidas não podia deixar de trazer conseqüências para as liberdades. Ente os ocidentais, o poder dos monarcas é regido, na época das cruzadas, por princípios difíceis de serem transgredidos. Ussama o notou, durante uma visita ao reino de Jerusalém, que "quando os cavaleiros proferem uma sentença, esta não pode ser modificada nem quebrada pelo rei". Ainda mais significativo é o testemunho de Ibn Jobair nos últimos dias de sua viagem ao Oriente:

"Deixando Tibnin (próximo a Tiro) atravessamos uma sucessão ininterrupta de fazendas e de aldeias cujas terras eram eficazmente exploradas. Seus habitantes são todos muçulmanos, mas vivem na abundância com os *franj* — que Deus nos guarde das tentações! —, suas habitações lhes pertencem e todos os seus bens lhes são deixados. Todas as regiões controladas pelos *franj* na Síria estão submetidas a esse mesmo regime: os domínios de bens de raiz, aldeias e fazendas ficaram nas mãos dos muçulmanos. Ora, a dúvida penetra no coração de um grande número destes homens que vivem em território muçulmano. Estes últimos sofrem, de fato, com a injustiça de seus correligionários, enquanto os *franj* agem com equidade".

Ibn Jobair tem razão de se inquietar, pois acaba de descobrir, nas estradas do atual Líbano-Sul, uma realidade grave em conseqüências: mesmo se o conceito de justiça entre os *franj* apresenta certos aspectos que poderíamos qualificar de "bárbaros", assim como Ussama o sublinha, sua sociedade tem a vantagem de ser "distribuidora de direitos". A noção de cidadão certamente ainda não existe, mas os feudais, os cavaleiros, o clero, a universidade, os burgueses e até os camponeses "infieis", todos têm seus direitos estabelecidos. No Oriente árabe, o procedimento dos tribunais é mais racional; entretanto, não existem limites para o poder arbitrário do príncipe. O desenvolvimento das cidades mercantis, como a evolução das idéias, só podia ser retardado.

A reação de Ibn Jobair merece mesmo um exame mais atento. Se ele tem a honestidade de reconhecer qualidades no "inimigo maldito", desfaz-se em seguida em imprecações, avaliando que a equidade dos *franj* e sua boa administração constituem um perigo mortal para os muçulmanos. Estes não estariam se submetendo ao risco de voltar as costas a seus correligionários — e à sua religião — caso venham a encontrar o bem-estar na sociedade franca? Por mais compreensível que seja, a atitude do viajante não é menos sintomática de um mal de que seus semelhantes sofrem: durante as cruzadas, os árabes recusaram abrir-se para as idéias vindas do Ocidente. E aí está, provavelmente, o efeito mais desastroso das agressões de que foram vítimas. Para o invasor, aprender a língua do povo conquistado é uma habilidade; para este último, aprender a língua do conquistador é um comprometimento, isto é, uma traição. De fato, foram numerosos os *franj* que aprenderam o árabe, enquanto os habitantes do país, com exceção de poucos cristãos, permaneceram impermeáveis às línguas dos ocidentais.

Poderíamos multiplicar os exemplos, pois, em todos os domínios, os *franj* se adaptaram à escola árabe, tanto na Síria quanto na Espanha ou na Sicília. E o que nelas aprenderam era indispensável para a sua expansão ul-

rior. A herança da civilização grega teria sido transmitida à Europa ocidental apenas por intermédio dos árabes, tradutores e continuadores. Na medicina, astronomia, química, geografia, matemática, arquitetura, os *franj* adquiriram seus conhecimentos dos livros árabes que assimilaram, imitaram e depois ultrapassaram. Quantas palavras ainda o testemunham: zênite, nadir, azimute, álgebra, algoritmo ou mais simplesmente "cifra". Tratando-se da indústria, os europeus retomaram, antes de a melhorar, os processos utilizados pelos árabes para a fabricação do papel, o trabalho do couro, o têxtil, a destilação do álcool e do açúcar — mais duas palavras emprestadas da língua árabe. Também não podemos esquecer a que ponto a agricultura europeia se enriqueceu através do contato com o Oriente: abricó, beringela, chailota, laranja, melancia... A lista das palavras "árabes" é interminável.

Enquanto para a Europa ocidental a época das cruzadas era o início de uma considerável revolução, ao mesmo tempo econômica e cultural, no Oriente, as guerras santas iam desembocar em longos séculos de decadência e de obscurantismo. Sitiado por todas as partes, o mundo muçulmano se enrosca em si mesmo. Tornou-se friorento, defensivo, intolerante, estéril, tantas atitudes que se agravam à medida que prossegue a evolução planetária, em relação à qual ele se sente marginalizado. Doravante, o progresso é o outro. O modernismo é o outro. Seria preciso afirmar sua identidade cultural e religiosa rejeitando esse modernismo que simbolizava o Ocidente? Seria preciso, ao contrário, entredar-se resolutamente pela via da modernização correndo o risco de perder a própria identidade? Nem o Irã, nem a Turquia, nem o mundo árabe conseguiram resolver esse dilema; e é porque ainda hoje continuamos a assistir a uma alternância, muitas vezes brutal, entre fases de ocidentalização forçada e fases de integridade exagerada, fortemente xenófoba.

Ao mesmo tempo fascinado e aterrorizado por esses *franj* que conheceu bárbaros, os quais venceu mas que, depois, conseguiram dominar a terra, o mundo árabe não pode resolver-se a considerar as cruzadas como um simples episódio de um passado remoto. Muitas vezes nos surpreendemos ao descobrir a que ponto a atitude dos árabes, e dos muçulmanos em geral, com relação ao Ocidente continua influenciada ainda hoje por acontecimentos que se considera terem encontrado o seu término há sete séculos.

Ora, às vésperas do terceiro milênio, os responsáveis políticos e religiosos do mundo árabe se referem constantemente a Saladino, à queda de Jerusalém e à sua retomada. Israel é assimilado, na acepção popular como em certos discursos oficiais, a um novo Estado cruzado. Das três divisões do Exército para a libertação da Palestina, uma traz ainda o nome de Hittin e uma outra o de Ain Jalut. O presidente Nasser, no tempo de sua glória, era regu-

larmente comparado a Saladino, que como ele havia unido a Síria e o Egito — e até o Iêmen! No que se refere à expedição de Suez de 1956, ela foi vista, do mesmo modo que a de 1191, como uma cruzada conduzida pelos franceses e ingleses.

É verdade que as semelhanças são perturbadoras. Como não pensar no presidente Sadat, ao se ouvir Sibte Ibn al-Jawzi denunciar, diante do povo de Damasco, a "traição" do mestre do Cairo, al-Kamel, que ousou reconhecer a soberania do inimigo com relação à Cidade Santa? Como distinguir o passado do presente, quando se trata da luta entre Damasco e Jerusalém para o controle de Golan ou de Bekaa? Como não ficar sonhador lendo as reflexões de Ussama sobre a superioridade militar dos invasores?

Num mundo muçulmano perpetuamente agredido, não se pode impedir a emergência de um sentimento de perseguição, que toma, entre alguns fanáticos, a forma de uma perigosa obsessão: não se viu, a 13 de maio de 1981, o turco Mehemet Ali Ağca atirar no papa após ter explicado numa carta: "Decidi matar João Paulo II, comandante supremo dos cruzados"? Além desse ato individual, está claro que o Oriente árabe vê sempre no Ocidente um inimigo natural. Contra ele, todo ato hostil, quer seja político, militar ou relativo ao petróleo, não passa de desforra legítima. E não se pode duvidar de que a ruptura entre estes dois mundos data das cruzadas, vistas pelos árabes, ainda hoje, como uma violação.